

## **A Educação Escolar Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul: um diálogo com intelectuais indígenas e suas produções do conhecimento**

Carlos Magno Naglis Vieira  
Aurieler Jaime de Abreu  
Rozane Alonso Alves

**Resumo:** O artigo corresponde ao projeto de pesquisa “A relação entre a formação de professores, os projetos políticos pedagógicos e a organização curricular em escolas indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul”, financiado pelo edital EDUCA/FUNDECT e vinculado à Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. Tendo como objeto de pesquisa os trabalhos realizados por intelectuais indígenas dentro do Programa de Pós - Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, buscamos mapear e analisar as dissertações produzidas entre os anos de 2003 a 2016. Para esse trabalho, foram analisadas três dissertações que têm como objetivo a compreensão de seus contextos étnico-culturais, principalmente no que se refere à educação escolar e as problemáticas que as envolvem na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Educação escolar indígena. Intelectuais indígenas. Dissertações. Programa de Pós-Graduação em Educação/UCDB.

## **The Guarani and Kaiowá School Education in Mato Grosso do Sul: a dialogue with indigenous intellectuals and their productions of knowledge**

**Abstract:** The Paper corresponds to the research project, "The relationship between teacher formation, political pedagogical projects and curricular organization in indigenous Guarani and Kaiowá schools in Mato Grosso do Sul", financed by EDUCA / FUNDECT edict and linked to the Dom Bosco Catholic University - UCDB. The object of research is the work concluded by indigenous intellectuals insied the Postgraduate Program in Education of the Dom Bosco Catholic University / UCDB, we seek to map and analyze the dissertations produced between the years 2003 and 2016. For this Paper, three dissertations were analyzed that aim to the understanding of their ethnic-cultural contexts, mainly with regard to school education and the problems that involve nowadays.

**Keywords:** Indigenous school education. Indigenous intellectuals. Dissertations. Postgraduate Program in Education /UCDB.

## Palavras iniciais

O artigo “A Educação Escolar Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul: um diálogo com intelectuais indígenas e suas produções do conhecimento” compreende os primeiros movimentos de pesquisa do Projeto “A relação entre a formação de professores, os projetos políticos pedagógicos e a organização curricular em escolas indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul”, aprovado no edital EDUCA/FUNDECT e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/PIBIC da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB. Também é importante registrar que a pesquisa no qual resulta esses escritos, constitui um subgrupo de um projeto maior intitulado FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar com financiamento do Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES/INEP/MEC.

As primeiras investigações deste trabalho, ainda em andamento, se constituem por meio do levantamento de produções (dissertações e teses) com a temática voltada aos estudos da Educação Escolar Indígena. Nesse mapeamento, realizado ainda de maneira preliminar por meio do Banco de Teses e Dissertações da CAPES<sup>1</sup>, nele foram encontrados 93 trabalhos sobre o tema, sendo: 74 dissertações de mestrado e 19 teses de doutorado.

Com base nesse levantamento é inviável identificar se os trabalhos produzidos tiveram como protagonista os intelectuais indígenas. Entendemos, que para isso, seria necessário um tempo maior de pesquisa para buscar junto aos PPGs a autoria das produções. Ainda, amparado pelo mapeamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, registramos apenas 03 trabalhos de mestrado no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, que tem em seu título a palavra educação escolar indígena.

Diante do número de produções identificadas nesse levantamento, pesquisamos na página eletrônica do PPGE/UCDB<sup>2</sup> para verificar se o número de dissertações registradas estava de acordo. Na pesquisa realizada na página do programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, chamou atenção o número de trabalhos realizados por autores indígenas, sendo que do ano de

---

<sup>1</sup> Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>.

<sup>2</sup> Página eletrônica do PPGE/UCDB. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/cursos/4/mestrado-e-doutorado/32/mestrado-e-doutorado-em-educacao/13167/doutorado-em-educacao/13192/teses-defendidas/13197/>>.

2003 até o ano de 2016 dez dissertações foram defendidas e aprovadas, todas elas pela linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena<sup>3</sup>. Partindo deste ponto, tendo como foco de estudo, a educação escolar Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, procuramos realizar um levantamento, principalmente nas dissertações, produzidas por intelectuais indígenas no PPGE/UCDB, para verificar as discussões que são realizadas sobre a temática e a visão de seus autores não como meros espectadores, mas como protagonistas dessa construção.

Os intelectuais indígenas “são em primeiro lugar formados pela e na oralidade, e que mantém a cultura oral como seu esteio de produção e transmissão, embora muitos deles hoje cheguem à academia” (BERGAMASCHI, 2014, p. 13). Ainda apoiado nas reflexões da autora, esses intelectuais são os sábios da cultura tradicional, são aqueles que

Conjuga[m] a formação acadêmica, que se apropria[m] da escrita e das metodologias consagradas no meio acadêmico, mas que igualmente (e em primeiro lugar) é[são] formado[s] na oralidade e na perspectiva da tradição de seu povo, atuando como um diplomata, um mediador entre dois mundos de saberes: o indígena e o não indígena (BERGAMASCHI, 2014, p. 13).

Nesse mapeamento, realizado no período de 2003 a 2016, foram encontradas 03 dissertações produzidas por intelectuais Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul, onde suas pesquisas se remetem aos estudos da educação escolar Guarani e Kaiowá. Os três trabalhos dos intelectuais indígenas, que buscam a realização do diálogo entre a cultura e a educação escolar indígena Guarani, serão os frutos de nossas análises. Dentre as dissertações lidas e analisadas, todas apresentam realidades diferentes, pois se referem a contextos dos municípios de Dourados, Caarapó e Amambaí, todos no estado de Mato Grosso do Sul.

Antes de iniciar o diálogo com as dissertações, compreendemos que é importante ressaltar que a presença indígena no espaço do ensino superior é um desafio para as Universidades e para os acadêmicos indígenas. Apesar do Mato Grosso do Sul já possuir um grande número de acadêmicos indígenas na IES (Instituição de Ensino Superior), entendemos que ainda temos muito a conquistar. Na Pós-Graduação o número de indígenas é menor, mas a cada ano a presença desses intelectuais tem sido significativa nesse espaço.

---

<sup>3</sup> A linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, foi criada em 2004, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB por recomendação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPEs em virtude da demanda de trabalhos relacionados com populações indígenas e as demais diferenças.

A presença dos indígenas nos cursos de Pós-Graduação no Mato Grosso do Sul e em outros estados do país traz consigo outras formas de pensar, lógicas, saberes, práticas e narrativas, além de provocar crises, deslocamentos, rupturas e muitos desafios, pois aquilo que foi sempre considerado inferior, primitivo, credices, folclórico, exótico, satânico, limitado, não científico, não rigoroso, subalternizado frente a humanidade, agora “dividem” este espaço essencializado culturalmente, carregado da colonialidade do saber e do poder. De acordo com Backes e Nascimento (2011), esse contexto nos instiga a “[...] pensar sobre outros tempos e espaços, sobre o que significa viver, sobre como é possível construir outras narrativas identitárias [...], a pensar em como resistir, subverter, ressignificar práticas de colonização e de subordinação” (p. 26).

Ainda amparado pelos escritos de Backes e Nascimento (2011), é possível perceber, a partir das dissertações realizadas pelos intelectuais indígenas Guarani e Kaiowá no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, que as temáticas discutidas e analisadas estão voltadas à Educação Escolar Indígena Guarani.

### **Autonomia indígena nas produções e discussões dos saberes escolares e não escolares no contexto na academia**

Quem pode falar? De que lugar? Que está autorizado a falar? As perguntas que Foucault (2011) fazia em seu trabalho sobre a Ordem do Discurso nos levam a pensar que as discussões no campo acadêmico sobre os conhecimentos/saberes indígenas vêm tentando em diferentes programas de Pós-Graduação, como no caso do PPGE da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, e do PPGEDu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, entre outros, problematizar a questão da autonomia indígena como base na disseminação dos saberes dos intelectuais na universidade.

Neste texto, buscamos também pensar o processo intercultural que constitui a inserção desses intelectuais na Universidade e como ele é constituído para pensar o outro e sua autonomia na construção de saberes que são específicos de uma cultura. A questão não é apenas analisar como os intelectuais indígenas vêm apresentando em forma de dissertação e tese os saberes de suas comunidades, mas de pensar de alguma forma como a academia percebe esses saberes.

Mais adiante apresentamos as dissertações analisadas, mas é interessante apontar que em todas elas, a escrita predominante é a língua portuguesa e, mesmo em alguns programas de Pós-Graduação, como o da UCDB, os intelectuais indígenas têm a liberdade de trabalhar seus escritos. Liberdade no registro da sua escrita, na narrativa da sua pesquisa e na descrição dos contextos em que atuam como pesquisadores indígenas. Apresentam sua biografia como parte constitutiva de seu trabalho de dissertação ou tese, atua com procedimentos metodológicos apoiados na autoetnografia que leva em consideração as experiências e vivências desses intelectuais indígenas na produção de dados, da análise e tessitura daquilo que foi levando no âmbito da pesquisa.

Como a academia pensa a outridade? De quais instrumentos pedagógicos esse espaço de saber se apropria para dizer do outro, das culturas, das diferenças, das identidades, das relações fronteiriças inseridas nesse espaço?

Estes “outros” estão imersos no mundo das culturas que compõe seus espaços de vida. São lugares de cultura que se localizam na aldeia, nos espaços rurais, urbanos, de assentamento, entre outros. Podemos também mencionar que esses espaços compõem sua compreensão de comunidade, de grupo social, entre tantas outras formas de se perceber atrelados as suas culturas, cosmovisões, territorialidade, contextualização onde residem, enfim, aos modos de ser desses sujeitos.

Para Skliar (2003, p. 41), a outridade se constitui dos modos ser específicos dos sujeitos, ou ainda:

[...] um outro que nos é próximo, que parece ser compreensível para nós, previsível, maleável etc. E há um outro que nos é distante, que parece ser incompreensível, imprevisível, maleável. Assim entendido, o outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que eu não sou, que nós não somos. Mas há também a mesma dualidade acima apontada (outro próximo - outro radical) em termos de interioridade, quer dizer, que esses outros também podem ser eu, sermos nós.

O autor nos propõe a pensar questões específicas relacionadas às visibilidades que construímos sobre os sujeitos subalternos, problematizando o lugar que ocupa esses sujeitos na sociedade: Que lugar damos aos conhecimentos indígenas no contexto da academia? Como apresentamos seus escritos e metodologias no âmbito da pesquisa? Quais espaços ocupam e como percebemos os intelectuais indígenas nesses espaços? Essas questões dimensionam nossos

olhares e posicionamentos frente aos intelectuais indígenas, seus conhecimentos/saberes, modos de ser e se constituir enquanto sujeitos indígenas-acadêmicos.

Pensar a formação de professores/as indígenas no contexto brasileiro remete-nos a uma reflexão sobre as primeiras experiências de formação inicial e continuada dos docentes indígenas no Brasil numa concepção de educação intercultural que, segundo Nascimento, Urquiza e Vieira (2011), os cursos voltados para a formação de professores/as indígenas surgiram no Brasil no final da década de 1970 de forma tímida, mas foram ganhando consistência teórica e jurídica na década seguinte com a promulgação da Constituição Federal de 1988 – CF seguida da criação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 – LDB, que estabeleceram direitos e amparos jurídicos legais de forma particulares de organização escolar dos povos indígenas.

A garantia desses direitos para os povos indígenas representou a retomada da autonomia, da manutenção de seus territórios e a conservação e a valorização das tradições culturais de cada povo.

Uma das discussões presentes hoje no campo da educação é a questão de se construir um espaço intercultural, de troca, da experiência e dos modos de se conviver por meio desta troca de saberes. Estas discussões não estão apenas vinculadas à escola, bem como as políticas públicas que se constroem em torno dela. As universidades também estão presentes nessa nova temática tão emergente que envolve a formação de professores e professoras indígenas para atuar nas escolas das terras indígenas.

Para Nascimento, Urquiza e Vieira (2011), as pedagogias indígenas são constituídas dos modos de ser, e em seus modos de ser, os povos indígenas têm seus modos, meios, maneiras de ensinar as crianças, as/os jovens, em fim, aos sujeitos que dela fazem parte específicos de cada comunidade, constituindo sua pedagogia indígena. Para os autores, os estereótipos que as pessoas construíram sobre estas populações, das únicas coisas que a cultura indígena, tendo para repassar aos seus e suas jovens os conhecimentos voltados à caça, à pesca e não compreendem a amplitude e a complexidade dos conhecimentos indígenas.

De acordo com Fleuri (2003, p. 22), “esse campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes constitui o que aqui estamos chamando de intercultural”. O autor ainda ressalta que a interculturalidade tem se configurado numa perspectiva

Interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias. (FLEURI, 2003, p. 23).

Este processo de ressignificação na “perspectiva intercultural” parte do pressuposto que as diferentes culturas inseridas em um mesmo espaço estabelecem “uma relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos” (AZIBEIRO; FLEURI, 2010, p. 284). Esta relação caracteriza a desconstrução de conceitos fixados na sociedade, em contrapartida, o indivíduo assume-se enquanto sujeito que compreende e participa deste processo.

As lutas políticas auxiliam na constituição deste sujeito-indígena-professor/a que estão presentes no ensino superior, possibilitando o que Malcolm Margolin (2006) denomina como ensinar e aprender por meio da história, da oralidade, da experiência, do experimentar o conhecimento, uma vez que um conhecimento não elimina outro conhecimento. Neste sentido, a interculturalidade, “como interação entre culturas, se faz mediante uma imagem representada das diferenças que caracterizam o outro, podendo essa representação ser fruto de um esforço para aprender e compreender o social que o constitui” (BERGAMASCHI, 2012, p. 47).

Demarcar as diferenças entre mudanças e inovações no ensino, bem como os efeitos da formação continuada e seus resultados na prática educativa, permite aos estudiosos, bem como os professores ampliar, mesmo que timidamente, as discussões sobre o conceito de formação docente e as implicações pedagógicas desta conceitualização.

Sua formação específica e diferenciada, pautada em discussões nas realidades das escolas indígenas, dos professores indígenas e comunidade produzem mudanças significativas nas práticas pedagógicas desses docentes. Entendendo que estes docentes já vêm de uma vasta experiência pedagógica em função de sua formação em magistério, e as subversões estabelecidas no âmbito das escolas indígenas, o Estado compreende que propostas pedagógicas atreladas a esta modalidade de ensino não são condizentes com as perspectivas dos cursos interculturais, pois não aproximam as escolas indígenas do contexto da homogeneização.

Neste sentido, Candau (2005, p. 32) aponta a necessidade de pensar a educação intercultural no processo formativo dos professores e professoras, entendendo que “a educação intercultural se situa em confronto com todas as visões diferencialistas que favorecem processos radicais de afirmação de identidades culturais específicas. Rompe com uma visão essencialista

das culturas e das identidades culturais”. Assim, “a interculturalidade orienta o processo que têm por base o reconhecimento do direito a diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social”. Busca, nesse sentido, “promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a essa realidade” (CANDAU, 2005, p. 32).

Essas questões interculturais precisam estar presentes nos processos formativos da prática docente, tanto em âmbito inicial quanto na formação continuadas – *stricto sensu* ao qual este artigo se propõe a discutir, dos professores indígenas. É preciso pensar na diferença, nos outros modos de ser inseridos no espaço da escola e, para isso, torna-se fundamental a construção desses discursos na formação docente, possibilitando ao futuro e já professor aproximações dialógicas dentro desta perspectiva de educação intercultural. Neste sentido, formação específica e diferenciada, pautada em discussões nas realidades das escolas indígenas, dos professores indígenas e comunidade produzem mudanças significativas nas práticas pedagógicas desses docentes. Estes docentes já vêm de uma vasta experiência pedagógica em função de sua formação em magistério, e as subversões estabelecidas no âmbito das escolas indígenas.

As histórias vividas pelos grupos subalternizados nos ajudam problematizar as situações de (ir)reconhecimento do outro a partir daquilo que este outro traz consigo, enquanto identidades produzidas nestas relações que são estabelecidas, muito mais por aquilo de Skliar (2003) denomina em seus estudos de mesmidade, de demonização do outro.

Estes discursos sobre o sujeito outro nos permitem problematizar a escola, a partir dos escritos dos intelectuais indígenas, enquanto espaço que transcende o ensino, a aprendizagem, mas que socializa e produz identidades de diferentes sujeitos. As relações estabelecidas nestes espaços não podem minimizar nenhum destes sujeitos, ao contrário, suas identidades se dá por aquilo que traz consigo, que o constitui, que deixou e deixa marcas (LARROSA, 2002).

Estas teorizações e tematizações tentam investigar as complexas dimensões sociais e culturais que se inserem e estão presentes nos saberes escolares e não escolares. As complexas “relações entre diferentes sujeitos, que agenciam relações entre suas respectivas ópticas e éticas, constituem-se como o próprio lugar de aprender” (FLEURI; SOUZA, 2003, p. 65). O contexto intercultural se insere nesta perspectiva, da negociação, da articulação, das rasuras, da troca, do escutar, da visibilidade de todos neste processo de aprender.

Segundo Hall (2005), a identidade híbrida se reorganiza, tendo em vista os costumes, os valores do novo espaço que o sujeito está se aproximando. A hibridização de nos permite pensar no processo agonístico dos intelectuais indígenas que vive na fronteira étnica: academia-comunidade indígena.

O exemplo ressaltado por Woodward (2012) ao tratar do conflito e da guerra entre os Sérvios e os Croatas em um contexto político e econômico conturbado e que produz identidades destes sujeitos e a representação dos símbolos destas identidades e as posições que assumem enquanto estado-nação, remetem os escritos de Hall (2005), uma vez que todos cresceram dividindo o mesmo espaço, mas quando ocorre o deslocamento, os valores também são deslocados. No entanto, afirma que os costumes do local antigo ainda são pensados: “somos todos lixos dos Bálcãs” (WOODWARD, 2012, p. 9). Para Hall (2005) o hibridismo não acontece apenas na mudança concreta de local pelo sujeito, mas da relação que estabelece em ambos os espaços.

Há também para Hall (2005) uma identidade inconstante que permite ao sujeito se reconhecer de acordo com o processo histórico vivenciado pelos mesmos. Existe, claro, a construção de outros valores e outros conceitos, produzindo-se assim, novas identidades, para Woodward (2012, p. 33), “as identidades são diversas e cambiantes tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições”.

É diante destas ambivalências que os intelectuais indígenas buscam apresentar seus conhecimentos/saberes por meio de suas dissertações. Seus trabalhos narram contextos, sujeitos, escolas e práticas pedagógicas interculturais.

### **O programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco e o trabalho com os intelectuais indígenas: o que dizem as produções sobre educação escolar Guarani e Kaiowá**

O programa de pós-graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco, em nível de Mestrado, foi criado no ano de 1994 e credenciado pela Capes no ano de 2002. Nesse período o PPGE/UCDB recebeu inúmeros projetos de pesquisa para a realização de trabalhos com a temática da pluralidade cultural.

O PPGE, atendendo à recomendação da CAPES, que indicava na avaliação do programa de mestrado no período de 2001/2003, a estruturação de uma linha específica para atender a demanda de trabalhos ligados à diversidade cultural e a educação indígena, criou em 2003 a linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena.

Após a constituição da linha inúmeras atividades foram realizadas para dialogar diretamente com esses grupos que estão nas fronteiras da exclusão. Além da realização de projetos de pesquisa e de extensão, são estudados textos que buscam reflexões, interrogações, deslocamentos e descentramentos sobre o eu e o outro. No rastro dessa discussão, é importante ressaltar que a linha realiza eventos como o Seminário Fronteiras Étnicas e Fronteiras da Exclusão (anos pares) e o Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade (anos ímpares).

Atualmente, no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, 20 intelectuais indígenas defenderam suas dissertações na linha Diversidade Cultural e Educação Indígena desenvolvendo pesquisas que foram articuladas com as suas comunidades. Até o ano de 2009, estiveram presentes na linha indígenas da etnia Terena (Mato Grosso do Sul), Xavante (Mato Grosso) e Tuyuka (Amazonas). A partir de 2010, os Guarani e Kaiowá (Mato Grosso do Sul) iniciam as suas pesquisas no PPGE/UCDB.

Entre as 20 produções realizadas no âmbito do Mestrado no PPGE/UCDB, três dissertações, com o protagonismo da escrita indígena, tiveram em seus títulos a palavra Educação Escolar Indígena. Atendendo uma necessidade da pesquisa e realizando um recorte metodológico, a escrita desse texto delimitou a analisar e dialogar com os respectivos intelectuais indígenas, sendo eles: Elda Vasques Aquino (Terra Indígena de Amambai/Amambai - MS), Teodora de Souza (Terra Indígena de Dourados/Dourados - MS) e Eliel Benites (Terra Indígena de Te'ykue/Caarapó - MS). É importante registrar que recentemente 3 trabalhos estão em finalização cujo título apresenta a palavra Educação Escolar Indígena, mas como não foram defendidos e nem disponibilizados, seus escritos não irão compor esse texto.

A primeira intelectual indígena que defendeu sua dissertação, tendo como temática e o título a palavra Educação Escolar Indígena, foi Elda Vasques Aquino, Kaiowá, professora e moradora da Terra indígena de Amambai<sup>4</sup>, no município de Amambai - MS. Elda Vasques

---

<sup>4</sup> A Terra Indígena Amambai possui 2.429 hectares, está localizada na rodovia MS-386 Amambai- Ponta Porã, no Cone-Sul de Mato Grosso do Sul, divisa com o Paraguai (AQUINO, 2012, p. 25). Ainda é possível ressaltar que a Terra Indígena Amambai, junto com a Terra indígena de Dourados e Caarapó concentram a maior densidade demográfica por hectares. Em outras palavras, é considerada a terceira maior terra indígena do Mato Grosso do Sul com relação ao contingente populacional.

Aquino defendeu no ano de 2012 a dissertação intitulada, “Educação Escolar Indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai, Amambai – MS”. Bolsista do Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES/MEC e orientada pela professora Dra. Adir Casaro Nascimento, teve em sua pesquisa a discussão da criança indígena Guarani e Kaiowá e seus processos de aprendizagem antes da escola.

A visão que esta produção nos traz é da dualidade do ensino escolar e o ensino tradicional da aldeia, os impasses e as tensões entre os dois modos de ensinar e as dificuldades que essa relação entre as culturas podem alavancar na educação da criança indígena Guarani e Kaiowá. Tendo como procedimento metodológico a observação e a entrevista realizada em sua própria comunidade, a autora escreve

[...] as crianças são sujeitos de dominação culturais, transita sobre as culturas sem dificuldades, são educadas para respeitar os valores tradicionais indígenas e os valores não-indígenas, pois estamos no mundo cheio de ambiguidades, fazendo parte da sociedade envolvente (AQUINO, 2012, p. 86).

Por meio das palavras de Aquino (2012) é possível entender que a criança tem facilidade de transitar entre as duas culturas (indígena e não indígena), mas a maneira em que a cultura é inserida acaba criando dificuldades e inúmeras barreiras durante o desenvolvimento do conhecimento dessas crianças.

No trabalho, a autora identifica a necessidade de estabelecer estratégias para diminuir a imposição da cultura ocidental, principalmente ao redor da aldeia, na tentativa de compreender as diferenças no processo de aprendizagem da criança indígena, que acaba ocorrendo de maneira diferente da cultura não indígena. “As mães Guarani/Kaiowá não querem que os filhos vão para escola muito pequenos, elas querem que o filho aprenda a defender em primeiro lugar a sua identidade que é mais importante do que os conhecimentos dos não índios” (AQUINO, 2012, p. 90).

Em seu depoimento final a autora descreve a necessidade de que sua pesquisa seja continuada e sempre tida como inacabada, ou seja, novos elementos podem ser pensados a partir do trabalho de Aquino, principalmente para contribuir com a educação escolar indígena do povo Guarani e Kaiowá.

A segunda dissertação defendida no PPGE/UCDB, tendo como recorte a educação escolar indígena e o protagonismo indígena foi “Educação escolar indígena e as políticas públicas no Quaestio, Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 273-289, ago. 2017.

município de Dourados/MS (2001-2010)”. A pesquisa finalizada no ano de 2013 pela professora Teodora de Souza, Guarani Ñandéva, moradora da Terra indígena de Dourados<sup>5</sup>, município de Dourados – MS, buscou analisar os documentos elaborados pelos órgãos competentes no que se trata de educação escolar indígena dos Kaiowá, dos Guarani Ñandéva e dos Terena e também o envolvimento das comunidades no momento dessa elaboração.

Orientada pela professora doutora Adir Casaro Nascimento e bolsista do Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES/INEP/MEC, Teodora de Souza conhece de perto a realidade da educação escolar dentro das aldeias do município de Dourados/MS. Isso pode ser observado a partir dos seus registros: “Sou Guarani Ñandéva, professora há vinte e cinco anos [...]”. Mesmo tendo conhecimentos próprios da cultura e da legislação indígenas, a pesquisa sente a necessidade de se aprofundar nos estudos do processo histórico de implementação das políticas específicas de Educação Escolar Indígena, como ela mesma nos coloca que:

Compreender esta realidade cheia de terrenos escorregadios a partir da pesquisa acadêmica exige muito mais do que, simplesmente, ter o olhar indígena; requer um olhar mais aprofundado, pautado nas leituras do mundo indígena e do mundo não indígena, através de diálogos “interculturais” com os teóricos e as experiências de vida como indígena [...] (SOUZA, 2013, p. 143).

Esse aprofundamento é visível em todo o processo de construção de sua dissertação, pois podemos perceber um rico levantamento de informações que perpassa os caminhos percorridos dos indígenas no território brasileiro e também nas terras do estado de Mato Grosso do Sul. Souza (2013) ainda aponta o histórico da educação escolar indígena dentro do município de Dourados/MS, destacando importantes acontecimentos e registrando resultados e possibilidades.

Em suas considerações, a intelectual indígena apresenta a necessidade de continuação de pesquisas sobre a Educação Escolar Indígena, pois ainda existe uma imensa lacuna de perguntas sem respostas, lacuna essa que a comunidade acadêmica pode ajudar preencher, para que através da discussão e abordagem do assunto levem a uma maior compreensão para a comunidade não indígena.

O indígena Kaiowá Eliel Benites, bolsista do Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES/INEP/MEC, defendeu em 2014 a dissertação de mestrado intitulada “*Oguata Pyahu* (Uma Nova Caminhada) no processo de desconstrução e construção da Educação Escolar

---

<sup>5</sup> A Terra Indígena Panambizinho está localizada no Distrito de Panambizinho em Dourados-MS, ocupando até o ano de 2005 apenas 60 hectares (SOUZA, 2013, p. 29).

Indígena da Terra Indígena Te'ýikue". A terceira pesquisa analisada para este artigo foi orientada pela professora doutora Adir Casaro Nascimento e conta com a participação da comunidade da Reserva Indígena Te'ýikue<sup>6</sup>, de Caarapó/MS. A dissertação faz uma importante análise de como o processo próprio de ensino aprendizagem indígena é contemplado diante dos conhecimentos tradicionais.

A importância da forma de aprender dessa criança vai além de um desejo, sendo uma questão inteiramente ligada à cultura e a crença indígena. A relevância dessa afirmação pode ser identificada através do seguinte escrito do autor

A criança é considerada como um pássaro que vem do mundo espiritual e repousa na família. A família, portanto, tem a obrigação de preparar um ambiente de recepção afetiva e religiosa para que a criança "recém-chegada" goste do lugar e ali fique enraizada espiritualmente. Por isso, a educação tradicional tem uma carga espiritual, desde o processo da formação do ser infantil indígena (BENITES, 2014, p. 69).

Formado em Ciências da Natureza, pela Licenciatura Indígena Intercultural Teko Arandu/Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, o intelectual indígena descreve que no decorrer da história a cultura indígena é enlaçada/entrelaçada e engessada quando discutida no contexto da educação em sua forma própria do saber. A educação não indígena que lhes foi imposta reflete e se inverte culturalmente até os dias atuais, porém o desafio da construção de um novo currículo para a escola indígena está atravessada por barreiras impostas pela cultura não indígena.

O autor não identifica grandiosas mudanças no currículo, de forma que atenda realmente a identidade de ensinar da própria comunidade Guarani e Kaiowá da Reserva Indígena Te'ýikue, mas sim uma forma autônoma de ensinar além do currículo imposto

[...] cada forma de educação tem o seu tempo próprio e espaço específico; por exemplo, quando se discute a questão da terra, temos o espaço da unidade experimental; na questão da espiritualidade, temos a casa de reza; na questão da leitura e escrita, temos a sala de aula e cada um com professores próprios (BENITES, 2014, p. 128).

Com a maior autonomia de causa, essa realidade vem mudando de dentro para fora e não ao contrário, como pudemos identificar na citação acima, e em todo o decorrer do trabalho do professor indígena Eliel Benites.

---

<sup>6</sup> Terra Indígena Te'íkue fica localizada no Município de Caarapó-MS, denominada de Posto Indígena José Bonifácio, apresentando, atualmente, uma área de 3.594 hectares (BENITES, 2014, p. 42).

## Considerações

As dissertações dos intelectuais indígenas analisadas apresentam uma redação outra e uma leitura de mundo que diferencia do modo ocidental, ou seja, o modelo tradicional acadêmico. Além de mostrar outros saberes e diferentes marcos epistemológicos acadêmicos, especificamente no que se refere “a pensar outros tempos e espaços, sobre o que significa viver sobre como é possível construir outras narrativas identitárias” (BACKES; NASCIMENTO, 2011, p. 26), os trabalhos de Aquino (2012), Souza (2013) e Benites (2014) evidenciam um comprometimento que eles possuem com sua comunidade, principalmente com a construção do trabalho no coletivo, e o enfrentamento que assumem ao tratar desta educação indígena que circula de dentro para fora e de fora para dentro.

Quando se trata de dentro para fora, o intelectual indígena assume a responsabilidade com seu povo, com a realidade de sua aldeia, com aquilo que lhe cabe como protagonista. Em outras palavras, esse pesquisador indígena assume a voz de seu povo em um trabalho realizado no espaço acadêmico, sendo responsável pelas traduções e negociações entre o conhecimento adquirido no espaço da universidade e o conhecimento indígena, companheiro do dia-a-dia.

O processo inverso que denominamos ser de fora para dentro, sendo sua responsabilidade assumida com a academia em realizar um trabalho que seja científico e não estritamente pessoal, visando assumir e compreender suas responsabilidades com a cientificidade. Os trabalhos realizados pelos intelectuais proporcionam ao espaço da universidade, uma “desconstrução dos saberes/poderes coloniais, questiona a epistemologia moderna/cartesiana/positivista/etnocêntrica” (BACKES; NASCIMENTO, 2011, p. 33).

Através da análise realizada no que se refere às produções desenvolvidas pelos indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul citados nesse artigo, podemos constatar que esse processo de negociação ocorreu de forma satisfatória tanto para a comunidade indígena, quanto para a academia, e principalmente para o papel ao qual seus autores desejavam protagonizar nesse universo de negociações que cresce cada dia mais entre comunidades indígenas e Universidades.

Realizando a análise dos trabalhos produzidos pelos intelectuais indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul sobre Educação Escolar Indígena, observamos que ainda está distante a percepção dos indígenas como, efetivamente, intelectuais de seus saberes e cultura,

pois a cada ano surgem novos intelectuais indígenas empenhados em analisar, ressignificar o processo da Educação Indígena e reescrever sua história, elemento importante para a desconstrução do processo histórico de colonização.

Esses intelectuais têm concentrado seus estudos e esforços na área do direito a educação diferenciada, intercultural, bilíngue, dentro da ressignificação sobre o processo da Educação Escolar Indígena Guarani e Kaiowá, que mesmo tendo respaldo legal, encontra inúmeras barreiras quando se trata de uma educação tradicional que perceba a pedagogia Guarani. Nascimento (2005) diz que a diferença:

Deve ser trabalhada não como elemento de transição, mas como eixo curricular, concebendo as comunidades indígenas como sociedades historicamente firmadas, cuja diferença define sua singularidade, suas determinações específicas, que não estão imersas, no entanto emergem para compor com outras particularidades, pela inclusão, uma totalidade social (p. 22).

Através dessa reflexão podemos ressaltar ainda mais a importância da continuidade desses intelectuais indígenas nos cursos de pós-graduação de todos os Estados brasileiros, pois suas vozes entoam a diferença necessária para essa luta, todo e qualquer trabalho realizado por intelectuais na área de educação indígena tem um grande valor e peso, mas como já abordado anteriormente neste artigo, a voz que transita de dentro para fora/de fora para dentro, tem um peso que as demais não atingem.

Diante dos inúmeros trabalhos realizados no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB), nesse momento sem os recortes feitos dentro da temática deste artigo, é válido ressaltar as inúmeras produções ligadas à área de contextos das comunidades indígenas do Estado de Mato Grosso do Sul e demais Estados do país, a importância dessas pesquisas e de seus significados para as comunidades tem papel cada dia mais importante e significativo.

## Referências

AQUINO, Elda Vasques. **Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens:** espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai, Amambai - MS. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

AZIBEIRO, Nadir Esperança; FLEURI, R. M. Paradigmas interculturais emergentes na educação

popular. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 275-296.

BACKES, José Licínio, NASCIMENTO, Adir Casaro. Aprender a ouvir as vozes dos que vivem nas fronteiras étnico-culturais e da exclusão: um exercício cotidiano e decolonial. **Série- Estudos (Dossiê Fronteiras)**, Campo Grande, n. 31, p. 25-34, jan./jun. 2011.

BENITES, Eliel. **Oguatapyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da Reserva Indígena Te'ýikue**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolares indígenas e não indígenas. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. (Org.). **Povos indígenas e escolarização: discussão para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 43-72.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação. **Tellus (UCDB)**, Campo Grande, v. 26, p. 45-66, jan./jun. 2014.

CANDAU, Vera Maria. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias; SOUZA, Maria Izabel Porto de. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53- 84.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, maio/ago. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 28 , n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MARGOLIN, Malcolm. Pedagogia indígena: um olhar sobre as técnicas tradicionais de educação dos índios californianos. In: CAPRA, Fritjof. et al. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena: palco das diferenças**. Campo Grande: UCDB, 2005.

NASCIMENTO. A. C.; URQUIZA, A. H. A.; VIEIRA, C. M. N. A cosmovisão e as representações das crianças Kaiowá e Guarani: o antes e o depois da escolarização. In: NASCIMENTO. A. C. (Org.). **Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber Livro, 2011.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença – e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Teodora de. **Educação escolar indígena e as políticas públicas no Município de Dourados/MS (2001-2010)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma questão conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

**289** VIEIRA, Carlos Magno Naglis; ABREU, Aurieler Jaime de; ALVES, Rozane Alonso. A Educação Escolar Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul: um diálogo com intelectuais indígenas e suas produções do conhecimento.

Carlos Magno Naglis Vieira - Universidade Católica Dom Bosco.  
Campo Grande | MS | Brasil. Contato: cmhist@hotmail.com

Aurieler Jaime de Abreu - Universidade Católica Dom Bosco.  
Campo Grande | MS | Brasil. Contato: auri0jaime@gmail.com

Rozane Alonso Alves - Universidade Católica Dom Bosco. Campo  
Grande | MS | Brasil. Contato: rozanealonso@gmail.com

Artigo recebido em: 1 jun. 2017 e  
aprovado em: 13 jun. 2017.